

## RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM: A VISÃO DOS ATORES ENVOLVIDOS NESTE PROCESSO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE, PB.

Thauane Cristina Silva de Almeida<sup>1</sup>, Evanize Custódio Rodrigues<sup>2</sup>, Larysse Rayane Alves Dantas<sup>3</sup>, Márcia Adelino da Silva Dias<sup>4</sup>

*Universidade Estadual da Paraíba- [thauaneuepb@gmail.com](mailto:thauaneuepb@gmail.com)*<sup>1</sup>

*Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (SEED-PB/UEPB/IBID/CAPES)  
[nizecr@hotmail.com](mailto:nizecr@hotmail.com)*<sup>2</sup>

*Universidade Estadual da Paraíba- [larysserayne@hotmail.com](mailto:larysserayne@hotmail.com)*<sup>3</sup>

*Universidade Estadual da Paraíba- [adelinomarcia@yahoo.com.br](mailto:adelinomarcia@yahoo.com.br)*<sup>4</sup>

### INTRODUÇÃO

Faz parte dos objetivos da educação ajudar os alunos a estimular o raciocínio lógico, a curiosidade e oferecer condições adequadas para torná-los mais aptos a enfrentar os desafios da sociedade contemporânea, no entanto, a educação tradicional contrapõe esses objetivos por apresentar escolas onde o processo de ensino se desenvolve de forma fragmentária e descontextualizada, em cujas salas de aulas os alunos são instruídos pelos professores para memorizar conteúdos programáticos desconectados de suas realidades e que, quando solicitados em algum tipo de avaliação, devem reproduzi-los.

A falta de conexão entre o conhecimento escolar, o científico e o contexto sócio ambiental dos estudantes, resulta na falta de motivação destes, gerando uma barreira para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Os alunos não aprendem por não se sentirem motivados, o que gera um ciclo (POZO; CRESPO, 2009).

Observa-se que em algumas práticas docentes o ensino não proporciona metodologias inovadoras capazes de envolver o aluno com a disciplina. Essa problemática gera insatisfação por parte dos alunos, e em consequência dos professores, por refletir-se no comportamento e na aprendizagem dos alunos. Também devemos atribuir responsabilidade dessa situação para práticas que partem do próprio corpo acadêmico, como a desorganização pedagógica gerando a falta de metas comuns, que necessita de mudanças urgentes para que possa atuar de maneira simultânea democratizando o processo de ensino.

A formação profissional dos docentes é um período muito importante para colaborar com essa dinâmica de ensino. O novo currículo para o

ensino de biologia requer um grande aperfeiçoamento profissional, desde a sua formação inicial até a formação continuada, que deve acompanhar a sua atuação em sala de aula. Neste momento surge uma dificuldade por parte dos licenciandos, devido às universidades públicas e privadas ofertarem poucos componentes curriculares que possam dialogar e ser de cunho reflexivo (ARAÚJO; MELO, 2001), disciplinas essas que podem ser aplicadas em vivências futuras, no caso em questão à escola, ou seja, que possam somar na carreira docente e não somente ter uma abordagem com excesso de conteúdo (GATTI; NUNES, 2009).

Devemos partir do princípio que a educação é o instrumento mais eficiente para essa mudança e concretizá-la depende da ousadia pedagógica dos que fazem a escola, que é a partir de uma educação bem fundamentada, que os alunos estarão aptos a construir pensamentos e comportamentos necessários para conviver no meio social e profissional com o equilíbrio e o sucesso desejado.

O objetivo desse estudo é verificar a partir desses pressupostos a importância da relação ensino-aprendizagem de ciências no ensino fundamental II de escolas públicas de Campina Grande/PB, analisando a relação aluno e professor, e se o que está sendo oferecido em sala de aula pelos docentes está sendo benéfico e significativo para os educandos, gerando uma aprendizagem com reflexos no pensar, no agir, no fazer, no sentir, refletindo-se no convívio entre estes indivíduos.

## METODOLOGIA

Em relação aos procedimentos metodológicos, a pesquisa foi do tipo descritiva com abordagem quantitativa, tendo como amostra quatro professores de três escolas de ensino fundamental da rede pública estadual da cidade de Campina Grande - PB, e 133 alunos destas mesmas escolas. A seleção da amostra ocorreu de forma aleatória, sendo, pois, sujeitos da pesquisa 137 indivíduos, divididos em dois grupos.

O questionário ocorreu através da livre adesão e ficou distribuída da seguinte forma: a escola 1 colaborou com 40 alunos entrevistados sendo distribuídos 25% para cada turma e um professor. A Escola 2 disponibilizou 41 alunos, sendo 27% do 6º ano e as demais turmas (7º, 8º e 9º) com 24% e um professor colaborador. A terceira escola, contou com 52 entrevistados sendo que a distribuição ficou 19% para as turmas 6º, 8º e 9º (10 para cada) e 43% para a turma do 7º ano e dois professores colaboradores entre os meses de agosto a novembro de 2016.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos foram tabulados e analisados, alcançando-se o perfil dos alunos entrevistados com os seguintes resultados:

**Tabela 1** - Faixa etária dos alunos

	11-13	14-16	17 OU MAIS
ESCOLA 1	23	17	0
ESCOLA 2	31	10	0
ESCOLA 3	39	13	0
TOTAL	93	40	0

Fonte: Thauane Cristina Silva de Almeida, (2017).

A tabela 1 traça o perfil dos alunos, onde 70% dos entrevistados se enquadram numa faixa etária de 11 a 13 anos e 30% desses alunos se encaixam na média de idade entre 14 a 16 anos e 0% dos entrevistados com idade de 17 anos ou mais.

Atualmente com o Ensino Fundamental de nove anos e de acordo com a Resolução CNE/CEB nº 3/2005, que divide esse ensino em duas fases, chamadas de: anos iniciais com cinco anos de duração, para estudantes de seis a 10 anos de idade; e anos finais, com quatro anos de duração para os de 11 a 14 anos, percebemos que o nosso público entrevistado se enquadra no disposto na citada Resolução.

**Tabela 2** – Nível de afinidade dos alunos com a disciplina de Ciências

	SIM	UM POUCO	NÃO
ESCOLA 1	25	15	0
ESCOLA 2	23	18	0
ESCOLA 3	39	13	0
TOTAL	87	46	0

Fonte: Thauane Cristina Silva de Almeida, (2017).

Os dados da tabela 2 apontam o grau de afinidade dos alunos das escolas pesquisadas pela disciplina de ciências. Percebe-se que 65% dos alunos afirmam gostar, 35% afirmam “gostar um pouco” e 0% não gostam da matéria.

Percebe-se nos dados expostos, que um dos pré-requisitos para uma aprendizagem adequada está presente na amostra entrevistada, que é



a motivação inicial, o gostar de estudar ciências por parte dos alunos. Essa receptividade por parte dos alunos pode criar condições para a realização de um trabalho adequado por parte do professor.

**Tabela 3** – Sugestões de mudanças nas aulas de Ciências feitas pelos alunos.

Sugestões	Respondentes
Trocar as aulas teóricas por práticas	44
Trocar o excesso de teorias por mais exercícios	40
Trocar de professor	25
Não mudar em nada	18
Trocar o barulho por mais silêncio	6
<b>Total</b>	<b>133</b>

Fonte: Thauane Cristina Silva de Almeida, (2017).

A tabela 3 mostra as principais mudanças nas aulas de ciências sugeridas pelos alunos. A maioria, ou seja, 33% responderam que as aulas teóricas deveriam ser substituídas por aulas práticas. É fato que se faz necessário um embasamento teórico do que se transmite dentro da sala, porém a fixação e absorção do conteúdo se tornam mais simples quando associado com atividades práticas. É claro que não há tempo suficiente para práticas em todas as aulas, mas cabe ao professor conseguir atingir da maneira mais eficaz o entendimento do seu público.

Dos alunos entrevistados, 30% indicam a troca do excesso de teoria por exercício. Esse tipo de resposta se torna muito comum entre os alunos, por se tratar de uma metodologia rotineira e cansativa, onde os alunos se deparam com a mesma situação diariamente dentro da sala de aula. Vale salientar que os alunos não pedem a exclusão da teoria, mas sim a aplicação desta através de exercícios.

Outros 19% dos alunos sugeriram que mudasse o professor responsável pela disciplina de ciências. De acordo com esse dado supracitado, faz-se necessário verificar como está ocorrendo o processo pedagógico e que atitudes podem ser tomadas a fim de melhorar as condições de participação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem. Assim, a relação saudável entre professor e aluno contribuirá para o crescimento de ambos, pois, muitas vezes, o aluno não gosta da disciplina por não aceitar a postura do professor.

Sabe-se que não há receita de como ensinar, visto que se torna necessário ter em mente que o processo de ensino pode levar à construção ou à destruição. Isto porque, quando se mantém um bom relacionamento, se constrói, de maneira mais adequada, um bom aprendizado. Por outro lado, se uma boa relação não se faz presente, poderá influenciar negativamente o aluno, considerando que o mesmo possa vir a adquirir dificuldades disciplinares.

Dos entrevistados, 13% estão satisfeitos com as aulas de ciências e não sugeriram nenhuma mudança e outros 5% gostariam de mudar o excesso de barulho por mais silêncio. Vale destacar essa mudança sugerida pelos alunos, pois esta problemática, além de atrapalhar durante as atividades traz uma gama de consequências, como a interferência na atenção dos alunos que realmente estão interessados no conteúdo, e a dificuldade de concentração do professor, que por sua vez sente-se desestimulado a continuar a aula.

**Tabela 4** - A sua escola apresenta condições (como laboratório e aulas práticas) para uma boa aula de Ciências?

Respostas	Respondentes
Disseram NAO haver condições necessárias para uma boa aula prática	92
Disseram SIM, porém é feito com pouca frequência.	38
Não haver aula prática (nenhuma)	03
<b>Total</b>	<b>133</b>

Fonte: Thauane Cristina Silva de Almeida, (2017).

Os resultados obtidos através do questionário em relação às condições necessárias para uma boa aula de ciências foram surpreendentes, mostrando que 70% responderam não haver condições necessárias para aulas práticas com uso do laboratório. Outros 28% afirmam haver sim essas condições adequadas, porém a realização dessas aulas ocorre com pouca frequência e 2% afirmaram não haver aula prática.

Embora o ensino de ciências seja capaz de envolver e motivar os alunos por abordar conhecimentos relativos à vida em suas diversas manifestações, as escolas, mesmo aquelas que possuem um local apropriado, como laboratório e materiais que poderiam ser usados para uma abordagem diferenciada não têm, no geral, explorado essa vantagem para promover um ensino significativo.

Os professores por motivos como a falta de atividades prontas, falta de tempo para planejar a atividade desejada e falta de interesse em

desenvolver estratégias motivadoras como aulas de campo, vídeos, dentre outros, acabam influenciando negativamente para que aulas mais interativas não ocorram, o que gera uma lacuna no aprendizado dos alunos. Outro ponto que colabora para esse problema é a falta de preparação dos professores que muitas vezes se sentem inseguros para realizar aulas práticas porque não tiveram o acesso devido aos laboratórios durante sua formação ou por se sentirem sozinhos para assumir a responsabilidade de executar as práticas.

#### DADOS COLETADOS JUNTO AOS DOCENTES

Para o levantamento de dados junto aos professores, foi aplicado um questionário, com o intuito de obter informações referentes ao sexo, faixa etária, tempo de ensino, turmas de ensino, percepção sobre a motivação dos alunos em suas aulas e condições de trabalho. Os entrevistados são identificados por códigos de acordo com a sequência de coleta de dados (P1, P2, P3 e P4).

Tabela 5- Dados do perfil dos profissionais.

PROFESSOR	IDADE MÉDIA	TEMPO DE ENSINO	QUANTIDADE DE TURMAS DE ENSINO	QUANTIDADE DE ESCOLAS QUE TRABALHA	HÁ CONDIÇÕES ADEQUADAS DE TRABALHADO
P1	37-42	15 anos	Sete turmas de ensino fundamental	UMA	SIM
P2	37-42	17 anos	Seis turmas de ensino fundamental	UMA	NÃO
P3	Mais de 42	26 anos	Onze turmas de ensino fundamental e médio	DUAS	SIM
P4	32-36	13 anos	Dez turmas de ensino fundamental e médio	DUAS	NÃO MUITAS

Fonte: Thauane Cristina Silva de Almeida, (2017).

A análise da tabela 5 demonstrou que 25% dos professores entrevistados possuíam idade média de 32 a 36 anos. Outros 50% dos entrevistados possuíam idade média entre 37 a 42 anos e 25% mais de 42 anos. Em relação ao tempo de serviço prestado como professor, percebe-se que 75% dos entrevistados lecionam entre 13 a 17 anos e os outros 25% estão em sala de aula há cerca de 26 anos.



A quantidade de turmas ministradas pelos professores também foi um questionamento realizado com o intuito de verificar a demanda de turmas que os docentes atuam. Foi visto que 50% dos entrevistados ensinam de seis a sete turmas de ensino fundamental e outros 50% dos professores de 10 a 11 turmas, sendo estas de ensino fundamental e médio.

Os docentes entrevistados também foram questionados em relação à quantidade de vínculos de trabalho como professor, e 50% alegaram ter apenas vínculo com uma única escola (os mesmos 50% que responderam ter de seis a sete turmas de ensino fundamental) e os outros 50% trabalham em duas escolas entre fundamental e médio.

Mais uma informação bastante importante para entendermos o perfil dos profissionais licenciados, foi saber se as escolas onde trabalham possuem condições adequadas para que eles realizem seus trabalhos de maneira eficiente. Do total, 50% dos docentes afirmaram que possuem boas condições de trabalho, outros 25% afirmou o oposto, alegando não possuir condições adequadas de trabalho e os 25% restante, ficou no meio termo respondendo “não ter muitas” condições de trabalho.

As condições de trabalho docente estão entre os fatores mais discutidos em todas as ocasiões em que se trata da melhoria do ensino, qualquer que seja a disciplina considerada. Podemos citar dentre estes as condições físicas das escolas, a relação entre os professores, às condições de trabalho e os controles externos sobre o trabalho docente.

A partir dos dados obtidos, percebe-se que são profissionais com idades intermediárias, no entanto com um bom tempo de magistério, pois todos os investigados apresentaram mais de 13 anos de trabalho. Também são profissionais com uma grande demanda de turmas, sendo o professor P2 o de menor quantidade de turmas com seis turmas e o de maior carga o P3 com 11 turmas, sendo ainda o mais experiente em tempo de sala e com mais idade.



**Tabela 6** - Dificuldades que os professores encontram para lecionar as aulas de Ciências.

PROFESSOR	RESPOSTAS
P1	“Indisciplina dos alunos e colaboração da equipe de professores”
P2	“Falta de respeito e atenção dos alunos”
P3	“Educação Familiar dos alunos”
P4	“Falta de respeito e condições salariais”

Fonte: Thauane Cristina Silva de Almeida, (2017).



Na tabela 6 são apresentadas as principais dificuldades que os professores elencaram para ministrar suas aulas de ciências. Na descrição dos problemas percebemos que as principais queixas estão relacionadas com a falta de colaboração dos alunos.

O primeiro professor entrevistado, que denominamos de (P1) acredita que a indisciplina dos alunos e a falta de colaboração da equipe docente são as principais dificuldades encontradas na sua profissão. De fato, a indisciplina é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos professores para ministração de aulas ou para desenvolver algum outro tipo de trabalho pedagógico. Essas mesmas dificuldades são relatadas pelo professor P2 que justifica essas dificuldades com a falta de respeito e a atenção dos alunos. Assim como os professores P1 e P2, o professor P4 concorda que a falta de respeito é uma grande dificuldade para lecionar e acrescenta as condições salariais como ponto negativo.

Um ponto bastante importante citado por P1 é a falta de colaboração entre os professores, que não percebem a importância de um trabalho coerente e com alguns objetivos comuns para a melhoria do processo ensino- aprendizagem e da convivência de todos no ambiente escolar.

O professor P3 abordou a educação familiar dos alunos como um ponto que dificulta as aulas. “A questão dos limites surge, então, como uma problemática recorrente nas práticas educativas atuais” (ARAÚJO; SPERB, 2009, p. 186). Atualmente crianças e jovens demonstram muita carência de base familiar, o que provoca uma série de problemas que colaboram com os aspectos negativos como a indisciplina que impede o trabalho do professor na sala de aula. É dever dos pais iniciar o processo de socialização dos seus filhos, os ensinando a respeitar a todos.



**Tabela 7 – “Você se sente motivado para ensinar? Por quê?”.**

PROFESSOR	RESPOSTAS
P1	“Na maioria das vezes. Pela vontade de querer mudar”.
P2	“Depende do comportamento da turma”.
P3	“SIM, por atenção e respeito”.
P4	“Na maioria das vezes sim”.

Fonte: Thauane Cristina Silva de Almeida, (2017).

A tabela 7 mostra que, dos professores, 25% afirma com precisão se sentir motivado a ensinar e justifica fazer isso por atenção e respeito aos



alunos, enquanto outros 50% disseram sentir motivação dependendo de algum outro fator; destes, 25% afirma se sentir motivados na maioria das vezes, e essa motivação é fruto da vontade de querer mudar, enquanto para os outros 25% a motivação depende do comportamento da turma, e por fim, 25% sente motivação na maioria das vezes, mas não justifica sua resposta.

A sobrecarga de trabalho dos professores contribui para o surgimento dessas respostas, pois suas demandas de trabalho são árduas e requerem muito esforço, que por vezes não vale a pena. A carga horária se torna exaustiva, como vimos nas respostas dadas pelos professores P4 que leciona em 10 turmas e o professor P3 que leciona em 11 turmas, que se tornam ainda mais cansativas devido ao vínculo com mais de uma escola para almejar um salário melhor e essas aulas se mesclarem entre ensino fundamental e médio, o que requer mais trabalho por se tratarem de níveis diferenciados.

São Diversos os desafios enfrentados com essa sobrecarga, na sala de aula nem sempre conseguem concluir o seus objetivos, pois a maioria dos professores gasta um bom tempo da aula com tarefas administrativas como chamadas, preenchendo formulários ou para manter a ordem e a disciplina em sala de aula, além de precisarem planejar e concluir diversos trabalhos como correções que muitas vezes precisam ser levadas para suas casas, o que faz com que o horário de trabalho se estenda ainda mais.



**Tabela 8** - “Os alunos sentem interesse em suas aulas?”.

PROFESSOR	RESPOSTAS
P1	“Na maioria das vezes”.
P2	“Às vezes sim”
P3	“Sim, porque eu dou satisfação”.
P4	“Depende do conteúdo, o interesse é maior quando se trata de aulas práticas”.

Fonte: Thauane Cristina Silva de Almeida, (2017).

A tabela 8 mostra que a maioria dos professores possui consciência da importância da motivação dos alunos para o sucesso de suas aulas. Dos entrevistados, 25% acreditam que os alunos sentem interesse na maioria das vezes em suas aulas. Outros 25% responderam que os alunos sentem interesse apenas às vezes. Outros 25% afirmam que os alunos sentem interesse sim por suas aulas pelo fato de “dar satisfação” aos alunos e outros 25% acreditam que eles só sentem interesse na aula dependendo do conteúdo

ministrado, mas esse interesse é aumentado quando se trata de aulas práticas.

Dos alunos, 65% afirmaram gostar da disciplina de ciências, o que mostra que a maioria dos entrevistados se identifica com a matéria, o que teoricamente facilitaria para que bons resultados fossem alcançados. Todos os alunos entrevistados possuem uma idade média de 11 a 16 anos, sendo 70% numa faixa etária de 11 a 13 anos e 30% de 14 a 16 anos. Nesses faixas etárias, diversos fatores fazem com que eles percam o foco e interesse do estudo com muita facilidade, então, a falta de atenção nas aulas se tornam muito comuns devido à dispersão, se tornando um problema para os professores.

Para minorar essa problemática, o rompimento de práticas que privilegiam o exercício da repetição e da memorização nas escolas, como propõe Gasparin (2005) que fundamenta uma proposta a qual considera e privilegia os conhecimentos que os alunos já trazem de casa, bem como estimula a aquisição daqueles que os discentes precisam saber a partir dos seus interesses seria de suma importância.

Segundo Pimenta (2005), é preciso entender melhor o conceito de professor reflexivo, para que o verdadeiro significado não passe de uma expressão da moda. Mudar essa realidade é ideal para que uma nova relação entre professores e alunos comece a existir dentro das escolas.

Observa-se que os professores possuem consciência da falta de interesse dos alunos, no entanto a maioria respondeu com o meio termo, deixando claro que ocorrem situações em que os alunos sentem interesse em suas aulas. Constata-se que grande parte dos alunos sente afinidade pela disciplina de ciências, e também foi perceptível que os alunos se sentem mais interessados quando os assuntos são abordados de forma contextualizada, como por exemplo, quando se trata de assuntos de seus cotidianos.

Diante do exposto, é essencial que haja melhorias na qualidade do ensino, havendo uma formação e uma prática reflexiva dos professores, pois desse modo, atuarão de forma dinâmica e se tornarão capazes de construir uma visão crítica sobre suas próprias ações, permitindo-lhes aceitar ou ainda rejeitar ações alheias à realidade de sua sala de aula.

## CONCLUSÃO

Ao longo da pesquisa, que se deu a partir do desenvolvimento desse trabalho, foi possível entender e refletir sobre o ensino de Ciências na cidade de Campina Grande, Paraíba, a partir da visão dos personagens que vivenciam essa rotina.

São diversos os fatores que podem levar o aluno a não gostar do ensino de ciências, e dos questionamentos mais comuns encontrados na sala de aula é saber qual a utilidade de se estudar as Ciências Naturais de um modo geral. Muitos acreditam não necessitar desses conhecimentos para alcançar seu sucesso profissional, talvez por não conhecer a real importância do ensino; outros afirmam não gostar da área por falta de interesse, talvez por não perceberem a variedade de temas que estão envolvidos, ou atribuem esse sentimento ao resultado de situações vivências no cotidiano da sala de aula que desejariam mudar, como os descritos pelos próprios alunos quando citam a falta de aulas práticas e o excesso de teorias.

Quanto aos professores, verifica-se que suas condições atuais de trabalho dificultam o investimento pessoal na busca de novas visões sobre o ensino e a aprendizagem, o que os levam a repetir por anos a mesma prática. Também são profissionais com muita experiência em sala de aula, porém fatores como o desinteresse dos alunos e a falta de motivação deles mesmos, que se sentem insatisfeitos com o cenário que estão vivenciando, colaboram para que essas dificuldades aumentem.

Há muitas dificuldades na relação professor e aluno, principalmente quanto ao comportamento dos alunos e ao exercício da disciplina. A ocorrência desses conflitos entre alunos e professores é atribuída à ausência de limites colocados pela família e desinteresse dos alunos pelas aulas, segundo a resposta dos professores.

Conclui-se que a formação inicial de professores necessita dar ênfase a uma formação que conduza o profissional da educação a uma prática docente ativa e reflexiva sobre sua ação, diferente do estágio formador de competências e performances para repetição de regras burocráticas e aplicação de conhecimentos teóricos; também é necessário que sejam criados mecanismos para aproximar a familiar dos alunos da escola, de forma a conscientizar estas da importância de atuação conjunta, o que trará reflexos positivos no ambiente escola, resgatando assim o interesse e a motivação dos atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e a longo prazo, formando cidadãos conscientes e socialmente responsáveis.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. B.; SPERB, T. M. Crianças e a construção de limites: narrativas de mães e professoras. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 185-194, 2009.

ARAÚJO, M.; MELO, R. S. Desenvolvimento da ação reflexiva na formação inicial do educador: uma contribuição da educação ambiental. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE INVESTIGACIÓN EN LA DIDÁCTICA DE LAS CIENCIAS**, v. 4, p. 433-434, 2001.

